

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
MOIMENTA, DA BEIRA

Miguel Torga

Biografia





- Numa zona alta de Coimbra, de onde via a serra a lembrar as paisagens da aldeia natal, Adolfo Correia da Rocha, Miguel Torga de pseudónimo, construiu a sua casa. O escritório, a máquina de escrever, o divã "sarcófago": está tudo como no tempo em que lá viveu.
- Esta casa é uma peça biográfica, “um retrato físico” do médico-escritor que nasceu em 1907 em São Martinho da Anta, Trás-os-Montes, e viveu mais de 40 anos em Coimbra. Um lugar de intimidade e de escrita, construído à medida de Miguel Torga e da sua mulher, Andrée Cabrée Rocha. Logo à entrada somos recebidos pela urze bravia dos montes transmontanos, a torga, que adotou para pseudónimo e ali plantou, a marcar a sua segunda terra. O nome próprio que o autor de “Contos da Montanha” e “Bichos” escolheu para si, Miguel, é uma homenagem aos dois espanhóis que mais admirava: Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno.

- Entramos no número 3 da praça Fernando Pessoa. Os objetos pessoais conservam a memória dos dias passados à escrivaninha, onde redigiu grande parte dos seus livros. No escritório, a única divisão com lareira, vemos a caneta de tinta permanente, a máquina de escrever Royal e o divã que chamava “o meu sarcófago”. O acervo inclui documentos, fotografias, primeiras edições assinadas, algumas ainda como Adolfo Rocha. E há o mobiliário descoberto em peregrinações a antiquários, cerâmica, pintura, escultura, algumas obras de arte representam o próprio escritor. Permanece tudo igual, como no tempo em que lá vivia o homem que se agarrava à terra como se fosse a raiz de um arbusto.

Localidade de Miguel Torga

- Nasceu na localidade de São Martinho de Anta, em Vila Real a 12 de Agosto de 1907. Oriundo de uma família humilde de Sabrosa, era filho de Francisco Correia da Rocha e Maa uma casa apalaçada do Porto, habitada por familiares. Fardado de branco, servia de porteiro, moço de recados, regava o jardim, limpava o pó, polia os metais da escadaria nobre e atendia campainhas. Foi despedido um ano depois, devido à constante insubmissão. Em 1918 foi mandado para o seminário de Lamego, onde viveu um dos anos cruciais da sua vida. Estudou Português, Geografia e História, aprendeu Latim e ganhou familiaridade com os textos sagrados. Pouco depois comunicou ao pai que não seria padre.
- Emigrou para o Brasil em 1920, ainda com treze anos, para trabalhar na fazenda do tio, proprietário de uma fazenda de café em Minas Gerais. Ao fim de quatro anos, o tio apercebe-se da sua inteligência e patrocina-lhe os estudos liceais no Ginásio Leopoldense, em Leopoldina. Distingue-se como um aluno dotado. Em 1925, convicto de que ele viria a ser doutor em Coimbra, o tio propôs-se pagar-lhe os estudos como recompensa dos cinco anos de serviço, o que o levou a regressar a Portugal e concluir os estudos liceais.

Origem do pseudónimo

- Em 1934, aos 27 anos, Adolfo Correia Rocha cria o pseudónimo "Miguel" e "Torga". Miguel, em homenagem a dois grandes vultos da cultura ibérica: Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno. Já Torga é uma planta brava da montanha, que deita raízes fortes sob a aridez da rocha, de flor branca, arroxeadas ou cor de vinho, com um caule incrivelmente rectilíneo.

A obra de Torga

- A obra de Torga tem um carácter humanista: criado nas serras transmontanas, entre os trabalhadores rurais, assistindo aos ciclos de perpetuação da natureza, Torga aprendeu o valor de cada homem, como criador e propagador da vida e da natureza: sem o homem, não haveria searas, não haveria vinhas, não haveria toda a paisagem duriense, feita de socalcos nas rochas, obra magnífica de muitas gerações de trabalho humano. Ora, estes homens e as suas obras levam Torga a revoltar-se contra a Divindade Transcendente a favor da imanência: para ele, só a humanidade seria digna de louvores, de cânticos, de admiração: (hinos aos deuses, não/os homens é que merecem/que se lhes cante a virtude/bichos que cavam no chão/actuam como parecem/sem um disfarce que os mude).
- Para Miguel Torga, nenhum deus é digno de louvor: na sua condição onisciente é-lhe muito fácil ser virtuoso, e enquanto ser sobrenatural não se lhe opõe qualquer dificuldade para fazer a natureza - mas o homem, limitado, finito, condicionado, exposto à doença, à miséria, à desgraça e à morte é também capaz de criar, e é sobretudo capaz de se impor à natureza, como os trabalhadores rurais transmontanos impuseram a sua vontade de semear a terra aos penedos bravios das serras. E é essa capacidade de moldar o meio, de verdadeiramente fazer a natureza, mal-grado todas as limitações de bicho, de ser humano mortal que, ao ver de Torga, fazem do homem único ser digno de adoração.

Poesia

- 1928 - " Ansiedade "
- 1930 - Rampa[2]
- 1931 - Abismo
- 1936 - O outro livro de Job[2] [4]
- 1943 - Lamentação
- 1944 - Libertação
- 1946 - Odes
- 1948 - Nihil Sibi
- 1950 - Cântico do Homem
- 1952 - Alguns poemas ibéricos
- 1954 - Penas do Purgatório
- 1958 - Orfeu rebelde[2] [4]
- 1962 - Câmara ardente
- 1965 - Poemas ibéricos
- 1997 - Poesia Completa, volume I
- 2000 - Poesia Completa, volume II

NATAL

Soa a palavra nos sinos,
E que tropel nos sentidos,
Que vendaval de emoções!
Natal de quantos meninos
Em nudez foram paridos
Num presépio de ilusões.

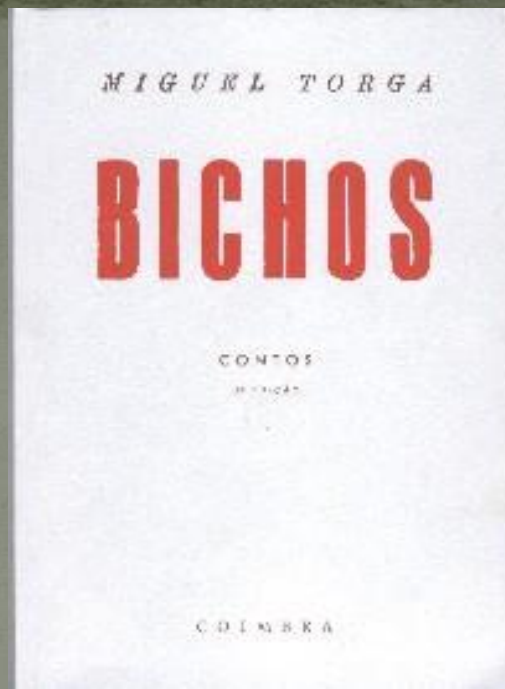
Natal da fraternidade
Solenemente jurada
Num contraponto em surdina.
A imagem da humanidade
Terrenamente nevada
Dum halo de luz divina.

Natal do que prometeu,
Só bonito na lembrança.
Natal que aos poucos morreu
No coração da criança,
Porque a vida aconteceu
Sem nenhuma semelhança.

Miguel Torga, *Diário XII* (1977)

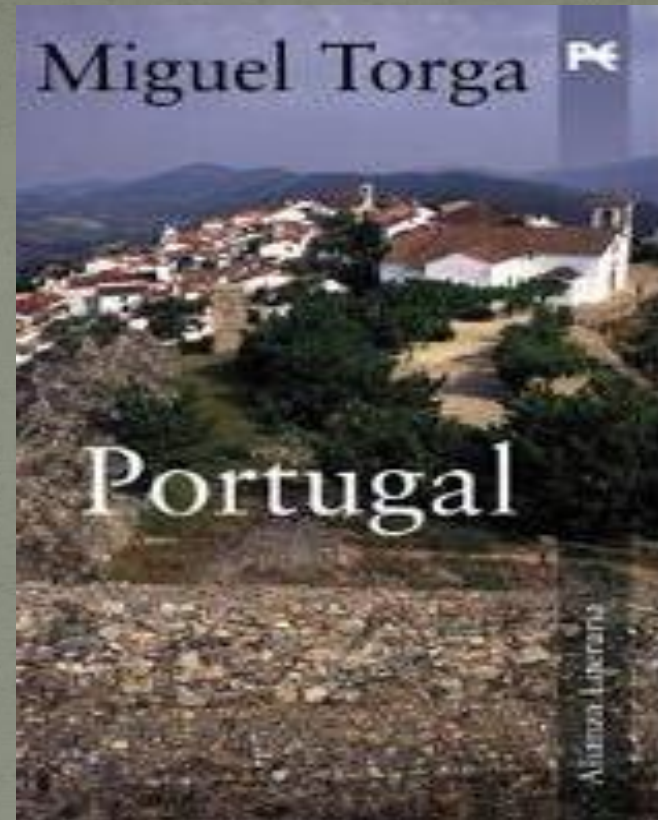
Prosa

- 2000 - Pão Ázimo
- 2000 - Criação do Mundo
- 1934 - A Terceira Voz
- 1937 - Os Dois Primeiros Dias
- 1938 - O Terceiro Dia da Criação do Mundo
- 1939 - O Quarto Dia da Criação do Mundo
- 1940 - Bichos
- 1941 - Contos da Montanha[2] "Diário I"
- 1942 - Rua
- 1943 - O Senhor Ventura "Diário II"
- 1944 - Novos Contos da Montanha
- 1945 - Vindima
- 1946 - Diário III
- 1949 - Diário IV
- 1950 - Portugal'
- 1951 - Pedras Lavradas Diário V
- 1953 - Diário VI
- 1956 - Diário VII
- 1959 - Diário VIII
- 1974 - O Quinto Dia da Criação do Mundo
- 1976 - Fogo Preso
- 1981 - O Sexto Dia da Criação do Mundo
- 1982 - Fábula de Fábulas
- 1999 - Diário



Peças de teatro

- 1941 - Terra Firme e Mar
- 1947 - Sinfonia
- 1949 - O Paraíso
- 1950 - Portugal
- 1955 - Traço de União



Trabalho elaborado por:

Filipa Dias, nº8, 8ºB

Renata Bernardo, nº 17, 8ºB

Fim